

EUA INICIAM GUERRA POR PROCURAÇÃO CONTRA O IRÃ

*Por M. K. Bhadrakumar**



O porta-aviões americano USS Dwight D. Eisenhower transita pelo Canal de Suez, 4 de novembro de 2023 (Marinha dos EUA).

Os EUA correm o risco de se envolver com os grupos de resistência, que não teriam nada a perder e tudo a ganhar ao criarem um atoleiro para Washington.

E stá em movimento um destacamento naval maciço dos EUA em um amplo arco do chamado Grande Oriente Médio – que se estende desde Creta, no Mediterrâneo Oriental, até ao Mar Vermelho e Bab el-Mandeb, até o Golfo de Aden e até o Golfo de Omã. Esta demonstração dissuasora pode se transformar em operações ofensivas de larga escala e visa reelaborar alinhamentos geopolíticos e trazê-los de volta aos padrões tradicionais de rivalidades intrarregionais na região do Golfo.

Observadores de navios disseram pela primeira vez que, na quinta-feira, o porta-aviões USS *Dwight D. Eisenhower* e sua escolta navegavam perto do Estreito de Ormuz, no Golfo de Omã, e se aproximavam do Golfo Pérsico. Um funcionário do Pentágono confirmou a localização, mas não informou se o porta-aviões entrará no Golfo Pérsico passando pelo Estreito de Ormuz.

A expansão naval dos EUA na região também consiste em outro grupo de ataque de porta-aviões – o USS *Gerald Ford* e suas escoltas – que na semana passada se afastou da costa israelense e agora está reposicionado ao sul de Creta, segundo observadores de navios, aparentemente fora do alcance dos mísseis do Hezbollah do Líbano.

Além dos dois grupos de ataque de porta-aviões, o destacamento dos EUA também inclui três navios do Bataan Amphibious Ready Group com a 26ª Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais e vários destróieres de mísseis guiados – o USS *Bataan* e USS *Carter Hall* operando na porção norte do Mar Vermelho e o USS *Mesa Verde* no Mediterrâneo Oriental junto com o navio de comando USS *Mount Whitney*.

Além disso, há um certo número de submarinos de ataque dos EUA na região, mas o Pentágono normalmente não divulga suas localizações – exceto uma rara divulgação recente pelo Comando Central dos EUA do trânsito, em 5 de novembro, do submarino de mísseis nucleares guiados USS *Florida* a leste de Suez.

A explicação mais óbvia para uma expansão naval tão formidável é que faz parte do esforço dos EUA para manter contido o atual conflito no sul de Israel e em Gaza. O Hezbollah continua disparando foguetes e mísseis antitanque contra Israel a partir do Líbano; Grupos militantes xiitas apoiados pelo Irã estão atacando as bases dos EUA no Iraque e na Síria; e os rebeldes Houthi no Iêmen estão disparando mísseis contra Israel. Desde 17 de outubro, ocorreram pelo menos 58 ataques a bases dos EUA, principalmente no Iraque.

A opinião linha-dura nos EUA é que os grupos militantes que atacam as forças dos EUA estão agindo a mando do Irã. Esta alegação é um velho fantasma EUA-Israel e continua a surgir sempre que o Irã está na mira e/ou há necessidade de um jogo de culpas. A opinião dos especialistas, inclusive nos EUA, sempre foi cautelosa em relação a isso.

Observadores de longa data estimam que, embora Teerã esteja ajudando abertamente os vários grupos de resistência que operam no Oriente Médio a empurrar os EUA e Israel, isso não faz destes grupos exatamente “representantes iranianos”. Assim, descobriu-se que o Irã foi apanhado de surpresa pelo ataque do Hamas contra Israel em 7 de outubro. Segundo a *Reuters*, em uma recente reunião em Teerã com Ismail Haniyeh, o presidente do gabinete político do grupo, o líder supremo do Irã, o aiatolá Ali Khamenei, levantou essa questão.

De qualquer forma, é um fato conhecido que o *establishment* dos EUA está bem consciente das realidades da sua situação com o Irã e não hesitou em usar canais secundários para se apoiar em Teerã e usar seus bons ofícios com os grupos militantes xiitas que operam no Iraque para exercer contenção. Mas o resultado final é que o Irã também tem suas limitações em tempos tão extraordinários como os de hoje, quando o ódio e a raiva contra os EUA e Israel atingiram um crescendo nos países muçulmanos.

Curiosamente, coincidindo com a chegada do porta-aviões USS *Dwight D. Eisenhower* e suas escoltas às águas do Estreito de Ormuz, o Construto de Segurança Marítima Internacional (IMSC, *International Maritime Security Construct*), um consórcio de países com sede no Bahrein, cujo objetivo oficial declarado é a manutenção da ordem e a segurança no Golfo Pérsico, Golfo de Omã, Golfo de Aden e sul do Mar Vermelho, particularmente no que diz respeito à segurança marítima das rotas globais de abastecimento de petróleo – [emitiu um comunicado](#) na quinta-feira para navios que se aproximam de Bab el-Mandeb e do

Mar Vermelho aconselhando especificamente que “ao escolher rotas, oriente-se para criar a máxima distância possível das águas do Iêmen”.

Dois dias depois, os [militares israelenses afirmaram](#) que os Houthis do Iêmen tinham efetivamente apreendido um navio de carga no sul do Mar Vermelho quando este navegava da Turquia para a Índia; embora os militares acrescentassem que o navio não era de propriedade israelense e não tinha israelenses entre sua tripulação, os detalhes de propriedade em bancos de dados públicos de navegação associavam os proprietários do navio à Ray Car Carriers, fundada por Abraham “Rami” Ungar, conhecido como um dos homens mais ricos de Israel.

Não é preciso muita engenhosidade para descobrir que os EUA, que já estão sofrendo uma humilhação com os Houthis tendo abatido recentemente um drone [MQ-9 Reaper](#) americano sobre águas internacionais, estão se movendo contra os Houthis. Isso precisa de alguma explicação.

A questão é que a IMSC é uma “coligação de vontades” liderada pelos EUA, fora do âmbito da missão da Organização Marítima Internacional, a agência especializada das Nações Unidas “para promover transporte marítimo seguro, protegido, ambientalmente saudável, eficiente e sustentável através da cooperação”.

Foi criado em 2019 no contexto da guerra no Iêmen e compreende, entre outros, os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita da região do Golfo. O seu *leitmotiv* foi contrariar o eixo Irã-Houthi durante a intervenção Saudita-Emirados no Iêmen – essencialmente, como parte da estratégia de contenção dos EUA contra o Irã que dominava a política regional naquele momento.

Significativamente, se o governo Biden planeja atacar os Houthis fazendo com que pareça um ataque retaliatório/punitivo, e para esse fim está invocando a plataforma IMSC, que pertence a uma época anterior à reaproximação Saudita-Irã mediada pela China, isso se torna uma brilhante manobra geopolítica onde os EUA esperam atingir múltiplos objetivos, matando vários coelhos com uma única cajadada.

Estes objetivos vão desde derrubar o Irã um ou dois degraus no folclore regional da dinâmica de poder; criar uma barreira entre a Arábia Saudita e o Irã, em uma conjuntura em que a amizade entre os dois rivais tradicionais está frustrando os planos dos EUA de “integrar” Israel; restabelecer o “choque e pavor” do poder dos EUA no Oriente Médio (e a nível mundial); manter as rotas marítimas do Mar Vermelho abertas aos navios israelenses; e, em termos estratégicos, dominar as vias navegáveis do Mar Vermelho que conduzem ao Canal de Suez.

A propósito, o Mar Vermelho tem assistido ultimamente a uma contestação de grandes potências – a China tem uma base naval no Djibuti e a Rússia espera estabelecer uma base submarina no Sudão; A Eritreia é um estado litorâneo virulentamente anti-EUA no Mar Vermelho; e os EUA estão tentando desesperadamente uma mudança de regime na Etiópia, o maior país do continente africano, que mantém relações muito amigáveis com a Rússia.



Mapa da região do Mar Vermelho e seu entorno.

UM ATOLEIRO PARA OS EUA?

Ainda mais curioso é o momento em que o grupo de porta-aviões dos EUA chega na região do Golfo Pérsico. O [Ministério das Relações Exteriores da China anunciou](#) no domingo que uma delegação composta por ministros das Relações Exteriores árabes e islâmicos visitará a China de 20 a 21 de novembro para manter “comunicação e coordenação profunda” com Pequim “sobre maneiras de desescalar o atual conflito palestino-israelense, proteger civis e buscar uma solução justa para a questão palestina”. A delegação é composta pelos ministros das Relações Exteriores da Arábia Saudita, príncipe Faisal bin Farhan Al Saud, do Egito, Sameh Shoukry, da Indonésia, Retno Marsudi, da Palestina, Riyad Al-Maliki, pelo vice-primeiro-ministro e ministro das Relações Exteriores da Jordânia, Ayman Safadi, e pelo secretário-geral da Organização para Cooperação Islâmica, Hussein Brahim Taha.

O desenvolvimento acima é uma iniciativa saudita. Não há dúvida de que a aproximação coletiva dos países muçulmanos à China como seu principal interlocutor na atual fase do conflito Palestina-Israel é uma rejeição diplomática aos EUA. Dito de forma sucinta, a unidade árabe também está se tornando um espinho na carne para o presidente Biden, em um momento em que os EUA consideram cada vez mais difícil bloquear o impulso sino-árabe para um cessar-fogo em Gaza e conter a condenação internacional da horrível violência de Israel contra o povo palestino, especialmente no Sul Global.

Ao atacar os Houthis do Iêmen, o plano de jogo do governo Biden é minar a aproximação entre a Arábia Saudita e o Irã, jogando com a antipatia saudita para

com os Houthis, por um lado, e provocando Teerã, por outro. Basicamente, os EUA esperam pagar ao Irã na mesma moeda.

Como afirmou um artigo de opinião no *The Hill*: “É tempo de Biden e os principais conselheiros na sua equipe de segurança nacional ... de assumirem uma defesa ativa, atacando duramente e sem remorso os representantes iranianos quando estes representam uma ameaça, e não depois de já terem atacado. E a causa provável deve ser suficientemente boa para proteger nossos militares que ocupam bases remotas no Iraque e na Síria ... um nariz sangrando é a única resposta que o Irã entende, e é precisamente a resposta que os EUA devem dar” ([aqui](#)).

O governo Biden já deve estar sentindo que as operações israelenses contra o Hamas não estão levando a lugar algum e podem se transformar em uma longa jornada, graças à recusa obstinada do Estado sionista em confrontar a sua culpa e vergonha ou aceitar uma solução de dois Estados para a questão palestina. A opinião pública americana está se tornando cética quanto à forma como Biden está lidando com a situação e os aliados dos EUA sentem-se perturbados. Na verdade, o próprio Israel é um país profundamente dividido.

Entretanto, o isolamento diplomático dos EUA no Oriente Médio atinge hoje um nível sem precedentes. A grande questão é se através da coerção – “poder inteligente” – é possível recuperar o terreno perdido onde o cerne da questão é que os EUA já não são confiáveis no Oriente Médio. Além disso, o Irã detém a patente do “poder inteligente”, que tem aperfeiçoado como ferramenta diplomática ao longo das últimas quatro décadas para afastar com sucesso os desafios existenciais vindos dos EUA.

Os EUA correm o risco de se envolverem com os grupos de resistência, que não têm nada a perder e tudo a ganhar ao criarem um atoleiro para Washington. O cerne da questão é que os grupos de resistência operam em suas terras natais e desfrutam de vastas redes de apoio social. Esta, portanto, torna-se uma batalha desigual, em última análise. Se vale a pena correr o risco – tudo isso para aumentar o desmoralizado moral israelense – deveria ser uma questão de profunda reflexão para o governo Biden antes de embarcar em mais uma guerra eterna no Oriente Médio.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
